

DESENHOS DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE O USO DESSA LINGUAGEM NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESTA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esmênia Soares Costa Barreto¹
Glória Maria Leitão de Souza Melo²
Osiolany da Silva Cavalcanti³
Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é favorecer a discussão acerca da exploração do desenho, enquanto linguagem utilizada por crianças, em práticas pedagógicas na Educação Infantil. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo exploratório, realizado a partir de observações a exploração dessa linguagem, e de desenhos produzidos por crianças, em meio à condução dessas mencionadas práticas. O campo de investigação foi uma instituição pública da rede municipal de Campina Grande-PB, que atende, especificamente, esta etapa da Educação Básica. Crianças de uma turma da Pré-Escola, denominada de Pré I, na faixa etária de 04 a 05 anos, e a professora desta turma, foram os sujeitos da nossa investigação. A coleta de dados foi realizada durante 30 dias (em Outubro/2018) uma vez por semana. Além dos desenhos das próprias crianças, registros escritos foram considerados instrumentos de coleta de dados. Ademais, buscamos respaldo em estudos realizados por Piaget (1948) Luquet (1969), Lowenfeld (1977), Bédard (2010), dentre outros. Os dados revelam a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Ainda, pudemos perceber, na ação pedagógica da professora, a vivência da “Pedagogia Renovada” - tendência pedagógica que visa à valorização da criança, sua iniciativa e liberdade. Concluímos que, os contextos das práticas pedagógicas observados favorecem a exploração da linguagem do desenho, considera as etapas sucessivas do desenvolvimento biológico e psicológico da criança, e respeita suas capacidades e aptidões individuais.

Palavras-chave: Linguagem do Desenho; Educação Infantil; Crianças; Pedagogia Renovada.

1. INTRODUÇÃO

O desenho é considerado uma das formas de comunicação mais antigas entre os seres humanos (HAMMER, 1991). Contudo, foi apenas a partir do século XX que o desenho passou a ser utilizado como técnica de avaliação psicológica, para investigar habilidades cognitivas e características da personalidade humana (BANDEIRA, COSTA & ARTECHE, 2008). Hoje, principalmente no campo da Educação, especificamente na Educação Infantil, o desenho é considerado como uma linguagem utilizada pela criança, e planejada para exploração por práticas pedagógicas. Neste campo, a exploração desse desenho não tem

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, esmenial1@hotmail.com;

² Doutora pelo Curso de Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, profgmls@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, osiolanyalves@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Professora efetiva do Dptº de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, profgmls@hotmail.com.

finalidades de cunho avaliativo psicológico. Trata-se de uma linguagem de expressão, onde a criança, além de desenvolver aspectos da motricidade fina, do desenvolvimento espacial e inerentes à lateralidade, desenvolve a criatividade, dá asas à imaginação, ao sonho, a liberdade expressiva e estimula a habilidade gráfica.

O desenho é uma forma de comunicação, de linguagem. Pode ser considerado a verbalização gráfica, artística e criativa do pensamento. No âmbito da Educação Infantil, para muitas práticas pedagógicas, além de um meio de comunicação, o desenho pode ser considerado como expressão de sentimentos e de entendimento do mundo e da cultura, pela criança. A sua importância dessa linguagem não se reflete só pelo produto final, mas pela forma como se constrói, possibilitando a identificação da informação. Ao desenhar, a criança define um universo muito próprio, um universo simbólico (ARAÚJO & LACERDA, 2008; MENEZES, et al. 2008).

Na fase infantil, o desenho representa muito mais que um exercício agradável. É o meio pelo qual a criança desenvolve relações e concretiza alguns dos pensamentos vagos que podem ser importantes para ela. Desenhar torna-se uma experiência de aprendizagem.

No campo da Psicologia, o desenho é ressaltado como meio para descoberta de informações sobre o temperamento, caráter, personalidade e necessidades das crianças. Através dos desenhos, também é possível descobrir e reconhecer diferentes situações pelas quais a criança está atravessando, tais como: seus pontos fortes e fracos, problemas e dificuldades, entre outros aspectos.

Mesmo considerando que essas perspectivas da Psicologia são possíveis de reconhecimento no âmbito da educação escolar, ressaltamos que este não é o intuito de exploração desta linguagem, por práticas escolares, desde a Educação Infantil. Os estudos da Psicologia têm contribuído, de sobremaneira, para o entendimento da evolução do desenho da criança. Com esse entendimento, práticas pedagógicas buscam a sistematização do uso dessa linguagem, para um melhor acompanhamento dessa evolução, sem, necessariamente, limitar a criança, frente às suas possibilidades criativas. As fases evolutivas do desenho, nos servem para acompanhar as habilidades motoras e gráficas da criança, as quais vão sendo otimizadas, mediante oportunidades que lhes são favorecidas. Cabe, assim, às práticas pedagógicas, essa otimização, com o planejamento de oportunidades para expressão gráfica e das crianças. O desenho da criança “fala” acerca do seu desenvolvimento.

Bédard (2010), afirma que a atividade de desenhar jamais deve se tornar uma imposição, mas ser espontânea e prazerosamente desenvolvida pela criança. No momento em que desenha, a criança transpõe para o papel seu “estado anímico”. O desenho é considerado

um símbolo, que pode ter uma interpretação negativa ou positiva, motivo pelo qual o contexto deverá ser considerado antes de buscar a realização da síntese ou interpretação do desenho. As crianças expressam-se espontaneamente ao desenharem. E este deve ser o propósito da exploração dessa linguagem na educação escolar, principalmente na Educação Infantil: a expressão autônoma, criativa e prazerosa.

Nossa experiência docente, neste nível da Educação Básica, tem evidenciado uma prática de exploração do desenho da criança, em três circunstâncias distintas: uma resumida ao preenchimento de tempos ociosos dessa prática; outra preocupada com interpretação de comportamentos ou fatos psicológicos; e uma terceira, apenas para representar a compreensão de uma experiência vivenciada na rotina escolar, ou a contação de uma história.

Na primeira situação, o desenho é explorado como passatempo, sem a devida valorização ou atenção do docente, ou dos parceiros de interação. A segunda, uma prática de cunho psicologizante, que enfrenta limites no fazer pedagógico, pois não é função da escola interpretar desenhos de crianças, e buscar identificar razões emocionais ou psicológicas para tais desenhos. Com essa postura, corre-se o risco de se criar rótulos ou preconceitos.

A terceira situação parece predominar nas práticas pedagógicas, e o desenho passa a ser considerado apenas como prática de cunho interpretativo. Assim como na primeira, a prática docente pode incorrer no erro de não valorização de expressões criativas e artísticas, ou de apreciação de evoluções das formas do desenho, ou até mesmo de se apreciar habilidades gráficas, que podem surgir numa atividade de reconto de histórias pelo desenho, por exemplo, que ultrapassa a perspectiva do enredo dessa história. Diferentes aspectos do desenvolvimento podem ser avaliados e explorados nessas situações.

Diante dessa problemática, o presente estudo tem como principal objetivo, favorecer a discussão acerca da exploração do desenho, enquanto linguagem utilizada por crianças, em práticas pedagógicas na Educação Infantil, mais especificamente por crianças de uma turma da Pré-Escola, para que se possa analisar contribuições que a expressão dessa linguagem pode oferecer ao processo de desenvolvimento da criança.

Esperamos poder contribuir com o debate, junto a profissionais que atuam nesta etapa básica da educação escolar, ou em áreas que se preocupam com a infância, suas formas de expressão, e suas produções, no sentido de se repensar o uso da linguagem do desenho, por crianças de todas as idades, no interior das práticas escolares.

2. METODOLOGIA

Os recursos metodológicos utilizados, na exploração deste estudo, são de natureza qualitativa, desenvolvida através de pesquisa do tipo exploratória. O estudo exploratório, conforme GIL (1999), envolve um estudo bibliográfico e coloca o pesquisador em contato direto com o fenômeno investigado, para uma visão mais elucidativa do fato explorado.

Assim, nosso estudo se preocupou em buscar fontes bibliográficas que pudessem contribuir com a discussão do tema investigado, e explorar experiências que beneficiem o diálogo com as observações realizadas, e as produções de desenho das próprias crianças envolvidas na investigação.

Foram realizadas, num período de 30 (trinta dias), uma vez por semana, visitas na instituição campo de pesquisa, para observação da produção de desenhos de crianças, bem como, para observação da condução da prática pedagógica, frente ao planejamento de espaços e situações para essa produção. Assim, desenhos de crianças e observações, escritas em diário de campo, foram considerados os instrumentos de coleta de dados deste estudo.

O campo de investigação foi uma instituição pública da rede municipal de Campina Grande-PB, localizada na zona urbana deste município. A referida instituição atende, especificamente, crianças de creche (0 a 03 anos de idade) e de Pré-Escola (crianças de 04 a 05 anos de idade). Os sujeitos envolvidos, são crianças da Pré-Escola, da turma do Pré I, assim denominado pela instituição.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O desenho infantil: um olhar para perspectivas psicológicas e pedagógicas

O desenho de uma criança é uma expressão de seu pensamento, ou até mesmo de seus desejos e sentimentos, que podem ajudar, à prática docente, a observar não apenas a evolução do desenvolvimento motor, gráfico e criativo da criança, mas a sua relação com a família, a escola, amigos, com a cultura, com seu entorno, etc. Desta forma, é importante dizer que o desenho é significativo, mas não define tudo. No momento de desenhar, a criança transporta para o papel seu estado psíquico, enfatizando os detalhes. Quanto mais autoconfiante a criança, mais ela se arrisca a criar e a se envolver com o que faz. A criança segura se concentra com mais facilidade nas atividades. Consegue se soltar e acreditar no que faz (LOWENFELD, 1977).

Para a criança, o desenho é um modo muito significativo e prazeroso de criação, expressão e representação, que transita entre o real e o imaginário. Rabiscar e desenhar são formas de expressão e comunicação, desde os tempos primórdios da humanidade. Mas, para a criança, nem sempre o importante é atribuir significados aos seus rabiscos, pois quando descobre as propriedades de objetos como: o lápis e a tinta divertem-se com as novas descobertas. Quando rabisca, a criança está desenvolvendo sua criatividade e ampliando sua capacidade de expressar-se.

Observá-la é fundamental para que se possa entendê-la, pois, o desenho é a sua linguagem e sua primeira escrita. Nele são mostrados seus medos, inseguranças, ansiedades, alegrias e descobertas. A criança não nasce sabendo desenhar, este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto. Assim, são suas estruturas mentais que definem as suas possibilidades quanto à representação e interpretação do objeto. A criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o meio (PILLAR, 1996).

Com o passar do tempo, esses rabiscos e desenhos passam a ser feitos intencionalmente e a criança começa a usar o desenho para comunicar seus pensamentos, desejos, emoções, exteriorizar seus sentimentos e brincar com a realidade. Seu desenho, ganha simbologia e significação potencializando sua capacidade de criar. O primeiro desenho simbólico em sua maioria é o da figura humana.

Segundo Piaget (1948), a capacidade de criação e inovação supõe construções efetivas e não simples representações fiéis da realidade e classifica as etapas do desenho como: I) *Garatuja*; II) *Pré-Esquematismo*; III) *Esquematismo*; IV) *Pseudo Naturalismo*.

No entendimento deste autor, a etapa da *Garatuja*, inicia na fase sensório motora (entre 0 a 2 anos de idade), e continua em parte da fase pré-operatória (02 a 07 anos de idade). A criança apresenta extremo prazer em desenhar nesta fase. A figura humana ainda não existe concretamente, mas pode aparecer da maneira imaginária. A cor não é dada tanta importância.

A etapa da *garatuja* pode ser dividida em outras duas partes: A) *desordenada* e B) *Ordenada*. A primeira, A) *Desordenada*, apresentam movimentos amplos e desordenados. Simples riscos ainda sem muito controle motor, a criança ignora os limites do papel e se movimenta o tempo todo para desenhar. No final dessa fase, é possível que surjam os primeiros indícios de figuras humanas, como cabeças e olhos. Na etapa B), a *ordenada*, movimentos longitudinais e circulares; a figura humana pode surgir de maneira imaginária, pois já existe a exploração do traçado e interesse pelas formas. Nessa fase inicia-se o jogo simbólico: "eu represento sozinho". A criança atribui nomes a seus desenhos e conta histórias.

Dentro da fase Pré-operatória (2 a 7 anos), aparece à descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Quanto ao espaço, os desenhos são aleatórios, inicialmente, não se relacionam entre si. Então aparecem as primeiras relações espaciais, surgindo devido a vínculos emocionais. A figura humana torna-se uma procura de um conceito que depende do seu conhecimento ativo, iniciando a mudança de símbolos.

Quanto à utilização das cores, pode-se usá-las, mas não há relação ainda com a realidade, dependendo do interesse emocional. A criança também começa a respeitar melhor os limites do papel. Mas o grande salto é ser capaz de desenhar um ser humano reconhecível, com pernas, braços, pescoço e tronco.

Na etapa II, *Pré-Esquematismo*: (Estágio Pré-Operacional) com três anos de idade a criança já atribui significado ao que desenha fazendo riscos na horizontal, vertical, espiral e círculos apesar de não nominar o que faz. Com relação ao uso das cores em suas produções, ela às vezes pode usar, mas não há uma relação forte com a realidade, pois depende do interesse emocional já que os elementos são dispersos e não relacionados entre si. Como aos quatro anos ela já é capaz de projetar no papel o que ela sente mesmo sendo incapaz de aceitar o ponto de vista de outra pessoa diferente do dela, até os seis anos o grafismo irá representar uma fase mais criativa e diversificada nas produções proporcionando uma descoberta maior nas relações entre desenho, pensamento e realidade.

Na etapa III, *Esquematismo*: (Estágio Operações Concretas) a partir dos sete anos de idade as operações mentais da criança ocorrem em resposta a objetos e situações reais e com isso ela compreende termos de relações como: maior, menor, direita, esquerda, mais alto, mais largo, etc. Apesar de apresentar dificuldade com os problemas verbais, ela ainda traça a chamada “linha de base” como aos seis anos apesar de representar a figura humana com alguns desvios como: exageros, negligências e omissão ou mudança de símbolos. Nessa fase a criança descobre as relações de cor, cor-objeto e progressivamente começa a desenvolver a capacidade de se colocar no ponto de vista do outro.

Ao final do estágio das Operações Concretas, o desenho infantil apresenta a fase do Realismo onde a criança utiliza bastante as formas geométricas em seus desenhos com maior rigidez e formalismo e acentuam-se os usos das representações de roupas para distinguir os sexos.

Por fim, na etapa IV, *Pseudo Naturalismo*: (Estágio das Operações Formais e/ou Abstratas) a partir dos doze anos de idade o pensamento formal da criança é hipotético-dedutivo, isto é, ela é capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de observação real. Diante disso, essa fase do desenho infantil é marcada pelo fim da

arte como atividade espontânea e passa a ser uma investigação de sua própria personalidade buscando profundidade e uso consciente da cor. Na figura humana as características sexuais são exageradas existindo a presença detalhada das articulações e das proporções.

O ato de desenhar é uma atividade lúdica, visto que o pensamento da criança só evolui se a ela for dada a oportunidade de desenhar, brincar, modelar, ou seja, agir sobre as coisas extraindo experiências destas. O conjunto desses processos resulta em interesse, motivação, afetividade e organização interna, possibilitando a evolução das aprendizagens.

O desenho infantil, enquanto manifestação da atividade da criança permite penetrar na sua psicologia e, portanto, determinar em que ponto ela se parece ou não com a do adulto. Isto porque, ao desenhar a criança inspira-se não só em modelos que se apresentam diante dos olhos, mas, sim, na imagem que tem em seu interior no momento em que desenha. Assim, o desenho é uma forma de representação que pode revelar o conteúdo da imagem mental da criança (LUQUET, 1969).

O desenho é importante porque tem ligação direta com a escrita, principalmente nas primeiras fases. No Pré-esquema, começa a estruturar seu desenho com a linguagem (bonecos, flores, girinos, sol, etc). Nessa fase, a criança encontra-se, segundo Piaget (1948), no período Pré-operatório (4 a 6/7 anos); Os símbolos estão relacionados com a criança que é o centro do universo. Nesta fase, a criança cria, conscientemente, modelos que têm alguma relação com o mundo à sua volta. Assim, o desenho pode ser uma ferramenta muito útil de comunicação se for usado corretamente. Pode-se retirar informação sobre o seu desenvolvimento das percepções exteriores (FAROKHI & HASHEMI, 2011). Ademais, o desenho da criança é de fundamental importância para o “fazer” docente, pois através desta linguagem torna-se possível o acompanhamento a diferentes aspectos do desenvolvimento da criança.

3.2 O papel do professor

O desenho permite ao professor uma série de pistas sobre a criança, que encontra nesta linguagem, a sua maneira de ler o mundo. Pillar (1996), ao observar o desenho de uma criança, ressalta o quanto se pode aprender muito sobre o seu modo de pensar e sobre as habilidades que possui. O desenho da criança fornece ao professor mais um instrumento para compreender seu desenvolvimento.

Em observações realizadas para o presente estudo, foi possível perceber, na relação da prática pedagógica com as crianças envolvidas (na faixa etária de 4 a 5 anos), o emprego de uma tendência pedagógica, denominada de Pedagogia Renovada.

Segundo Libâneo (2002), a Pedagogia Renovada agrupa correntes que advogam a renovação escolar, opondo-se a Pedagogia Tradicional. Entre as características desse movimento destacam-se: a valorização da criança, dotada de liberdade, iniciativa e de interesses próprios e, por isso mesmo, sujeito de sua aprendizagem e agente do seu próprio desenvolvimento; tratamento científico do processo educacional, considerando as etapas sucessivas do desenvolvimento biológico e psicológico; respeito às capacidades e aptidões individuais, individualização do ensino conforme os ritmos próprios de aprendizagem; rejeição de modelos adultos em favor da atividade e liberdade de expressão da criança.

Assim, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores avanços estarão conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizado em sua prática docente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As visitas realizadas no campo de pesquisa, uma creche da rede municipal de Campina Grande-PB, objetivou, conforme anunciado anteriormente, fomentar a discussão acerca da exploração do desenho, enquanto linguagem utilizada por crianças, em práticas pedagógicas na Educação Infantil. Assim, pudemos observar produções de desenhos, realizadas por crianças de uma turma da Pré-Escola, de uma instituição de Educação Infantil da rede municipal da cidade de Campina Grande-PB.

A seguir, trazemos registros do que foi observado durante nossas visitas à turma investigada e discutiremos sobre algumas produções de desenhos de crianças. No primeiro dia de observação, das 24 crianças que compõem a turma, apenas 17 destes estavam presentes. Desde o início, pode-se perceber o acolhimento, e a relação de afetividade entre a professora e alunos, no desenvolvimento das atividades realizadas.

Todo ano ocorre a Mostra Afro na creche, e através da escolha de um conto, trabalha-se a sensibilização e reflexão sobre a importância das contribuições da cultura africana no

Brasil. Este ano, a professora trabalhou o livro de literatura infantil, “A Botija de Ouro”, de Joel Rufino dos Santos, publicado em 1984. Este livro é um conto que remete aos tempos da escravidão e fala da tradição da época de se guardar dinheiro, jóias e ouro em botijas que eram escondidas ou enterradas em locais secretos. A professora foi mostrando as gravuras do livro às crianças, iniciando a contação o da história, em seguida foi dada a continuidade através do vídeo para as crianças assistirem até o final.

As crianças demonstraram muito interesse pelo conto e cada um foi falando o que mais gostou na história, participando e interagindo uns com os outros e com a professora. Após esse momento, a professora entregou folhas de ofício e lápis de cor pedindo que desenharem uma formiga e um vagalume, personagens da história contada, desenhos estes que seriam expostos em um mural no último dia da Mostra Afro. Em seguida, a professora entregou nova folha em branco e solicitou a todos que desenhasse de forma livre e espontânea qualquer desenho. As crianças ao concluírem seus desenhos foram entregando e falando o que haviam desenhado.

Na maioria das produções de desenhos, realizadas neste dia de visita, observamos a presença, nos desenhos, de casas, sol, flores, árvores, pessoas, corações, animais, alguns de forma perceptível, outros apenas rabiscos sem semelhança com o que afirmavam ter feito, algumas crianças.

No entanto, reconhecemos que o importante na expressão dessa linguagem, e para a prática docente, é a intenção da criança de representar uma ideia, buscar atribuir significação e nomear o que produzem, caso seja do interesse destas crianças. Os nomes atribuídos indistintamente às figuras e aos rabiscos servem para nos indicar que a representação é mais linguística do que propriamente gráfica (SEBER, 1995).

Nos desenhos que aparecem a figura humana, observou-se que estas surgem em círculos (cabeça) e traços longitudinais (pernas e braços), formando assim, a representação “cabeça-pernas”. O espaço começa a ser inter-relacionado com os objetos desenhados, predominando relações emocionais. As crianças não se preocupavam com a realidade das cores, sendo seu uso subjetivo, desvinculado do real, vinculado às relações emocionais.

É possível considerar que os desenhos das crianças desta idade são o fruto da evolução de um conjunto indefinido de linhas até uma definida configuração representativa. Os movimentos circulares e longitudinais convertem-se em formas reconhecíveis, e essas tentativas de representação procedem, diretamente, das fases das garatujas.

Para fixar as referências cronológicas, 3 anos e meio é a idade que marca o acesso à figura-girino. Sua verticalização opera-se aos 4 anos, e aos 4 anos e meio, anuncia-se a

passagem à personagem com cabeça e corpo. A criança termina a creche com a figura-girino, e no primeiro ano da pré-escola tem acesso à cabeça/corpo (GREIG, 2004).

Aos cinco anos, esses traços já são, com frequência, distinguíveis como pessoas, casas ou árvores; quando a criança atinge seis anos, essas formas evoluem para desenhos com tema e claramente identificáveis.

Dentre os desenhos recebidos, um chamou atenção, pois se tratava de uma menina que desenhou um círculo (cabeça) todo rabiscado e colorido de roxo e vermelho. A menina ao ser questionada a que se referia seu desenho, ela explicou que era uma menina enforcada, e que seria ela mesma, a cabeça roxa e o vermelho em volta seria o sangue. Como esse desenho causou certa apreensão, a professora ficou de perguntar aos pais se estaria ocorrendo algo com essa criança, e na semana seguinte, na próxima observação seria dado um feedback do que poderia estar acontecendo a esta criança.

Em outro dia de observação, após a construção dos desenhos, percebeu-se que existia uma aproximação dos desenhos já realizados na visita anterior, ocorrendo à presença de casas, pessoas, sol, flores, alguns perceptíveis outros em forma de rabiscos, aparecendo, como na primeira observação, com a presença da figura irradiada.

Por sua vez, a figura irradiada é a forma observada na etapa inicial do desenho. Em geral essa forma é representada por uma linha fechada e aproximadamente ovalada, de onde saem traços em várias direções (SEBER, 1995).

Em relação a menina que causou certa apreensão na confecção de seu desenho na observação da primeira visita, na segunda observação, desenhou a si própria voando entre as nuvens no céu. A professora relatou que na semana anterior essa criança havia aparecido com uma mancha roxa no olho e no rosto, mas não quis dizer o que havia ocorrido. Ao final da aula o pai, ao vir busca-la, foi questionado pela professora o que estaria acontecendo. O pai explicou que por a menina ser muito arteira, a mãe a castigou severamente jogando um sapato que havia acertado o rosto da criança. Logo após o relato do pai, podemos perceber a significação do desenho que a criança havia produzido na observação anterior, associada a uma experiência domiciliar, certamente traumática para esta criança.

É muito importante para a criança, a qualidade da mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas, desta criança, em relação ao desenvolvimento e aprendizagem na escola. Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens.

A escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios, e talvez único, capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entende-se que cada ser humano, ao longo de sua existência, constrói um modo de relacionar-se com o outro, baseado em suas vivências e experiências. Dessa forma, o comportamento diante do outro depende da natureza biológica, bem como da cultura que o constituiu enquanto sujeito. Nessa perspectiva, é de fundamental importância entender que a sala de aula é um espaço de convivências e relações heterogêneas em ideias, crenças e valores. Nesta observação, pôde-se constatar que a professora trabalha com carinho e afetividade no desenvolvimento das atividades e tratamento com as crianças em sala de aula.

Na teoria de Henri Wallon (1995), encontramos subsídios importantes no que diz respeito à dimensão afetiva do ser humano e como ela é significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Para esse teórico, a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as observações realizadas neste estudo, foi possível destacar a importância do desenho da criança, enquanto linguagem de expressão criativa, gráfica, emocional e cheia de significados.

Respeitando as fases e etapas do desenho, segundo estudos da Psicologia do Desenvolvimento, a exemplo de estudos realizados por Piaget, pudemos observar, nas produções de desenhos realizadas pelas crianças investigadas, que as garatujas ou os rabiscos aparecem na fase sensório-motora, onde a criança explora materiais concretos e os movimentos, e na fase pré-operatória (2 a 7 anos de idade), onde a criança começa a construir e a representar. O desenho infantil é importante base para acompanhamento da evolução do desenvolvimento da criança. A exploração do desenho, pela criança, contribui para a representação simbólica, para o desenvolvimento sensório-motor e conseqüentemente para a aprendizagem como um todo.

Diante da bibliografia consultada para realização deste artigo é possível dizer que o desenho é precedente a escrita, mas que os dois possuem uma relação de interdependência, pois quanto mais oportunidades as crianças tiverem de representar no papel, toda a sua impressão sobre o mundo que a rodeia, seus sentimentos e emoções, mais ela estará preparada para se apropriar do sistema de escrita, visto que também é uma forma de representação. O desenho, como uma atividade lúdica, é um forte aliada na construção do pensamento. Permitir

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

que a criança produza seus desenhos como atividade artística, ou mesmo como um passa tempo, desde que valorizada pela ação docente, é proporcionar a expressão de suas ideias e sentimentos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B.F. de. **Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas.** Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 13 (2), p. 186-12, 2008.

Bandeira, D. R., Costa, A., Arteché, A. **Estudo de validade do DFH como medida de desenvolvimento cognitivo infantil.** Psicologia Reflexão e Crítica, 332-337, 2008.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças.** Editora Isis: São Paulo, 2010.

FAROKHI, M.; HASHEMI, M. **The Analysis of Children's Drawings: Social, Emotional, Physical, and Psychological aspects.** Procedia - Social and Behavioral Sciences 30 (2219 – 2224), 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

HAMMER, E. F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática .** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. **Arte Infantil.** Lisboa: Companhia Editora do Minho, 1969.

MENEZES, M.; MORÉ, C. O. ; CRUZ, R. M. **O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas.** Avaliação Psicológica. 7 (2), p.189-198, 2008.

PIAGET, J. **A formação dos símbolos na criança.** PUF, 1948.

PILLAR, A. D. **Desenho & escrita como sistema de representação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SANTOS, J. R. **A Botija de Ouro,** Editora: Ática.1984.

SEBER, M. G. **Psicologia do pré-escolar: uma visão construtivista.** São Paulo: Moderna, 1995.

WALLON, H. (1995). **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Edições 70, 1995.